

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

LUCAS DE SOUSA CAMARGO

TERESA CRISTINA: A Imperatriz, a mulher e as
sombras do II Império Brasileiro.

UBERLÂNDIA – MG

2017

LUCAS DE SOUSA CAMARGO

TERESA CRISTINA: A Imperatriz, a mulher e as
sombras do II Império Brasileiro.

Monografia apresentada ao
Instituto de História da
Universidade Federal de
Uberlândia, como exigência
para a conclusão do curso.
Orientador: Professor Dr.
Gilberto Cezár de Noronha.

UBERLÂNDIA – MG

2017

RESUMO

Esta monografia tem como finalidade falar sobre a Imperatriz Teresa Cristina do Brasil, a última Imperatriz do Brasil. Teresa Cristina: A Imperatriz, a mulher e as sombras do II Império Brasileiro, é o assunto que pretendo falar. Não somente sobre a monarquia em si, mais sobre o lado mulher, o lado mãe, a mulher pública.

Uma mulher com uma rica educação como outras Princesas Europeias do Século XIX. Grande estudiosa na área da Arqueologia. Soube das traições do marido. Apoiou os italianos que chegavam ao Brasil a procura de trabalho e o sonho de mudar de vida em terras novas, e mudar de vida como a Princesa italiana.

E como falar de Teresa Cristina e não falar sobre Luisa Margarida, a Condessa de Barral, a mulher que esteve presente em quase todos os momentos importantes da Família Imperial do Brasil. A mulher que de alguma forma esteve as sombras de Teresa Cristina ou Teresa Cristina que esteve nas sobras de Luisa Margarida?

Esse tema foi escolhido pelo simples fato que na história do Brasil não conhecemos nada sobre a última Imperatriz do Brasil. E com ajuda de autores e historiadores como Mary Del Priore e Aniello Angelo Avella, que escreveram livros que nos quais Teresa Cristina era o tema central ou era a personagem secundária. Foram utilizados também sites que falam sobre o tema, e revistas e artigos da AMPUH. E ao longo do texto tento mostrar tudo o que foi pesquisado e lido sobre o tema proposto por mim.

Palavra Chave: Imperatriz, Teresa Cristina, Condessa de Barral.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1 – Teresa Cristina, Imperatriz do Brasil em 1877, por Adele Perlmutter-Heilperin.

FIGURA 2 – D. Pedro II e D. Teresa Cristina com as Princesas Isabel e Leopoldina, por François – René Moreaux em 1857 no Rio de Janeiro.

FIGURA 3 – Imperatriz Tereza Cristina do Brasil

FIGURA 4 – Imperatriz Teresa Cristina, fotografia de Carneiro e Gaspar e coloração de J. Courtois.

FIGURA 5 – Imperatriz Teresa Cristina do Brasil

FIGURA 6 – Imperatriz Teresa Cristina do Brasil

FIGURA 7 – D. Pedro II, D. Teresa Cristina e seu neto, o Príncipe Pedro Augusto

FIGURA 8 – D. Pedro II e D. Teresa Cristina

FIGURA 9 – Sua Majestade o Imperador D. Pedro II do Brasil e Sua Majestade, a Imperatriz D. Teresa Cristina do Brasil

FIGURA 10 – Dona Teresa Cristina sentada, a Baronesa de Japurá e o seu médico, o Conde de Mota Maia (última foto da Imperatriz Tereza Cristina.)

FIGURA 11 – Família Imperial do Brasil, foto de Otto Hees.

FIGURA 12 – Luísa Margarida de Barros Portugal, Condessa de Barral

FIGURA 13- Visconde da Pedra Branca 1779 a 1855

FIGURA 14 – Carta escrita por D. Pedro a Luisa, Condessa de Barral

FIGURA 15 - Condessa de Barral e o Príncipe do Grão Pará. Arquivo do Grão Pará, Petrópolis, Rio de Janeiro

FIGURA 16 - Princesa Isabel do Brasil, sentada, com seus filhos, os Príncipes D. Luís, D. Antônio e D. Pedro de Alcântara, e Luísa, Condessa de Barral.

FIGURA 17 - Fotografia da Condessa de Barral e Pedra Branca, tirada em Paris, no estabelecimento de Ferrier & Lecadre, 56 e 58, Rue de Larochefoucault.

FIGURA 18 - De pé, o Príncipe D. Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão-Pará, o Conde de Mota Maia, a Baronesa de Muritiba, Luísa, Condessa de Barral e Sua Alteza Real, o Conde D’Eu. Sentados, os Príncipes D. Antônio e D. Luís, Princesa Isabel e S.M.I D. Pedro II.



Universidade Federal de Uberlândia
Instituto de História
Coordenação dos Cursos de História



ATA DA DEFESA DE MONOGRAFIA PARA OBTENÇÃO DO GRAU DE BACHARELADO EM HISTÓRIA

GHI037 – MONOGRAFIA III - REALIZADA EM 21 DE JULHO DE 2017 – 1º SEMESTRE DE 2017

ALUNO
LUCAS DE SOUSA CAMARGO
MATRÍCULA: 11111HIS031

TÍTULO:

**TERESA CRISTINA: A Imperatriz,
a mulher e as sombras do II
Império Brasileiro**

BANCA EXAMINADORA

ORIENTADOR

PROF. DR. GILBERTO CEZAR DE NORONHA

EXAMINADORES

PROF. DR. TADEU PEREIRA DOS SANTOS

PROF. GUSTAVO ALMEIDA VIEIRA

Em sessão pública, após exposição de cerca de 35 minutos, o(a) aluno(a) foi argüido(a) oralmente pelos membros da banca, por cerca de 1 hora(s) e 10 minuto(s), demonstrando suficiência de conhecimento e capacidade de sistematização no tema desenvolvido em sua monografia, sendo APROVADO com nota 70,0. Na forma regulamentar, foi lavrada a presente ATA que é assinada pelos membros da banca e pelo(a) aluno(a).

Uberlândia, 21 de julho de 2017.


ORIENTADOR – PROF. DR. GILBERTO CEZAR DE NORONHA


EXAMINADOR – PROF. DR. TADEU PEREIRA DOS SANTOS


EXAMINADOR – PROF. GUSTAVO ALMEIDA VIEIRA


ALUNO – LUCAS DE SOUSA CAMARGO


PROF. DR. GILBERTO CEZAR DE NORONHA
COORDENADOR

VIA DO ALUNO

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	DESENVOLVIMENTO	9
	CAPÍTULO I: A Princesa de Nápoles se transforma em Imperatriz do Brasil.	9
	CAPÍTULO II: Mulher de Temperamento Forte.	21
	CAPITULO III: Um a Condessa no meio da Relação.	28
3	CONCLUSÃO	44
4	BIBLIOGRAFIA	46

1 INTRODUÇÃO

O interesse história de Teresa Cristina teve início quando viajei à Petrópolis-RJ, no ano de 2014 quando visitei pela primeira vez o Museu Imperial, pois, pouco antes de ir ao museu, através de uma reportagem sou beque o tetraneto de Dona Luísa Margarida de Barros Portugal, Condessa de Barral e Marquesa de Montferrat, havia doado algumas cartas, que foram trocadas por anos entre ela e D. Pedro II. Chegando ao museu fui a busca dessas cartas expostas e quais os procedimentos necessários para ter contado com elas. Conversando com as guias do museu, soube que as tais cartas não pertenciam ao museu, e sim à atual Família Imperial. Assim, para tê-las em mãos e lê-las, seria necessário marcar uma audiência com o atual chefe da Casa Imperial, Sua Alteza Imperial e Real o Príncipe Dom Luiz Gastão Maria José Pio Miguel Gabriel Rafael Gonzaga de Orleans e Bragança Wittelsbach.

Após a ida à Petrópolis, pesquisei sobre a história da Condessa de Barral, através do livro da Historiadora Mary Del Priore, chamado *Condessa de Barral: a paixão do Imperador*. Essa biografia possuía alguns trechos de outras cartas entre Condessa de Barral e D. Pedro II. No entanto, durante a leitura uma personagem despertou-me mais interesse do que a própria personagem principal: a Imperatriz Teresa Cristina. Isso ocorreu por dois motivos: em primeiro lugar, pelo fato de que a Imperatriz é descrita de forma ridicularizada no que diz respeito ao seu porte físico; em segundo lugar, pela imagem da soberana como mulher estritamente caseira, comum às mulheres do século XX.

E durante as leituras pode se perceber o quanto a Condessa de Barral esteve presente na história de Teresa Cristina, não podendo simplesmente citar a história da Condessa de Barral.

Inicialmente, pude perceber que tanto na história do Brasil como na da Itália, não há muitas informações referentes à Imperatriz. No entanto, por meio de pesquisas descobri que o historiador italiano, Aniello Angelo Avella, havia lançado a primeira biografia da última Imperatriz do Brasil, chamada *Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada*, publicado pela EdUERJ¹. Avella, em sua obra, mostra a imagem da Imperatriz como uma mulher silenciosa ou, segundo ele, “silenciada”.

Diferentemente de Mary Del Priore, a obra do italiano é de fácil compreensão, por outro lado, um dos pontos negativos do livro é o fato de que o autor não se refere à

¹ Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

infância da Princesa de Nápoles. Longe das informações de que Teresa Cristina era uma mulher submissa e bondosa, ela era extremamente culta, por exemplo, seus conhecimentos musicais superavam aos do seu marido.

Com o intuito de entender o período em que a Imperatriz viveu, iniciei minha investigação a partir do livro *As Barbas do Imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos*, de autoria de Lilia Moritz Schwarcz. Esse livro traz à tona, cronologicamente, do início ao fim do Império, a vida do Imperador D. Pedro II do Brasil. A leitura dessa obra pareceu-me relevante, pelo fato de que pude compreender o papel de um monarca em terras tropicais. É mais uma vez neste livro a autora Lilia Moritz Shwarcz faz apenas algumas citações sobre a Imperatriz Teresa Cristina, e mais uma vez dando ênfase aos "defeitos" da Imperatriz, como o fato de ela ter sido feia, baixa, manca e ter nariz de berinjala.

A partir dessas leituras preliminares, pelo fato de que foi possível verificar que a Imperatriz possuía personalidade forte e nobre inteligência, diferente de sua imagem estereotipada como apenas submissa ao marido e criadora dos filhos, questiona-se: por que Teresa Cristina é considerada como uma “sombra” do Imperador D. Pedro II?

Durante o processo de leitura tive dificuldades em obter algumas informações que seriam de grande ajuda para o desenvolvimento desta pesquisa. Como acesso a alguns documentos que estão no poder da atual Família Imperial do Brasil.

No primeiro e segundo capítulos, exporemos do princípio da vida de Teresa Cristina até a vinda ao Brasil, levando em consideração que diferentemente dos países europeus, o país sul-americano não possuía grande tradição monárquica e burguesa, e depois falaremos sobre a mulher de gênero forte, que dentro de casa

2 DESENVOLVIMENTO

CAPÍTULO I: De Princesa de Nápoles à Imperatriz do Brasil

Figura 1: Teresa Cristina, Imperatriz do Brasil em 1877, por Adele Perlmutter-Heilperin.



FONTE: <http://saberclopedia.blogspot.com.br/>. Acesso no dia 12 de Abril de 2017.

A Princesa Teresa Cristina Maria Giuseppa Gasparre Baltassare Melchior Gennara Rosalia Lucia Francesca d' Assisi Elisabetta Francesca di Padova Donata Bonosa Andrea d' Avelino Rita Liutgarda Geltruda Venancia Taddea Spiridione Rocca Matilde de Bourbon Das Duas-Sicílias, ou simplesmente Princesa Teresa Cristina, nasceu em 14 de Março de 1822, na cidade de Nápoles, Itália. Foi filha do então Príncipe Francisco de Bourbon-Duas-Sicílias, Príncipe herdeiro do Reino das Duas-Sicílias, depois Rei Francisco I das Duas-Sicílias, e da Princesa Maria Isabel de Bourbon y Bourbon, Infanta da Espanha, depois Rainha consorte das Duas-Sicílias, irmã do Rei Ferdinando II de Bourbon, Príncipe herdeiro do Reino de Nápoles.

Teve uma educação como todas as mulheres nobres da época, baseada nas belas artes, música, canto, bordado, francês e religião. Ademais, adorava estudar a cultura clássica, principalmente a arqueologia sobre Pompéia. Em um trecho de seu livro, Mary Del Priore diz um pouco sobre a infância da Imperatriz: Teresa Cristina cresceu em um ambiente feito de tradição, medo e intransigência, emoldurado pelos conventos que davam a Nápoles um aspecto triste. Sua educação foi limitada à cesta de costura, ao piano e ao canto. Dizem alguns que “não pensava em nada”. Mas se não pensava, sentia. E sentia muito (DEL PRIORE², 2009, p.168). e mais nada mais sobre a infância da então Princesa de Duas Sicílias.

Como cultivara o gosto pela arqueologia desde a infância, quando veio ao Brasil, Teresa Cristina trouxe na bagagem, como parte do dote, numerosas peças antigas. Em 2005, por conta desse fato, o Museu Nacional, que está vinculado a UFRJ³, sendo um dos mais importantes museus brasileiros, sendo a primeira instituição científica do país e o maior museu de história natural e antropológica da América Latina, Criado por Dom João VI, em 6 de junho de 1818 e sediado inicialmente no Campo de Santana, serviu para atender aos interesses de promoção do progresso cultural e econômico no país. Originalmente denominado de Museu Real, foi incorporado à universidade em 1946. Está localizado no interior do Parque da Quinta da Boa Vista, na cidade do Rio de Janeiro, Brasil. Realizou uma exposição chamada “*A frescos de Pompéia. A beleza revelada*”, apresentando diversas peças arqueológicas de Pompéia, restauradas por iniciativa da União. Por conta disso, o público pode apreciar uma parte significativa do notável patrimônio arqueológico chegado ao Brasil, graças a Teresa Cristina. A coleção conta com mais de 700 itens, é a maior do gênero na

² DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral. A Paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

³ Universidade Federal do Rio de Janeiro

América Latina.

O casamento entre a então Princesa⁴ e o Imperador do Brasil⁵ ocorreu por meio de uma procuração, em Nápoles, no dia 30 de Maio de 1843. Sua chegada ao Brasil ocorreu no dia 3 de Setembro de 1843, já nomeada como a Imperatriz D. Teresa Cristina do Brasil, especialmente conhecida como a “Mãe dos brasileiros”.

Apesar de ter vivido por mais de quarenta anos no Brasil, pouco se sabe sobre Teresa Cristina, que, comparando ao material reunido sobre as demais Imperatrizes do país, Imperatriz Dona Leopoldina e Imperatriz Dona Amélia, há pouquíssimo material sobre ela publicado. Por exemplo, a Imperatriz D. Leopoldina⁶ foi biografada por Carlos H. Oberacker Jr., que lhe dedicou um livro que até hoje não é superado por qualquer outro compêndio que tenha como tema a vida e a influência desta nobre Arquiduquesa da Áustria no Brasil; já sobre a Imperatriz D. Maria Amélia⁷, há a obra de Lygia Lemos Torres e os textos e artigos da autoria de Cláudia Thomé Witte. No entanto, quando se trata de Imperatriz D. Teresa Cristina, é necessário acessar aos muitos livros publicados sobre D. Pedro II, na esperança de encontrar algum capítulo que trate de sua esposa, ao menos com a dignidade que ela merece.

Juntando-se a pouca bibliografia sobre Teresa Cristina, nos livros didáticos encontramos conteúdos referentes às Imperatrizes Dona Leopoldina e da Dona Maria Amélia, expostas como mulheres que contribuíram para o desenvolvimento do novo país que estava surgindo. Esse apagamento de Teresa Cristina foi percebido por Maria Eugenia Zerbini, quem afirma: “comparado com o que já se escreveu sobre nossas duas outras imperatrizes – Leopoldina e Maria Amélia, esposas de D. Pedro I – muito pouco se falou sobre Teresa Cristina, apesar de ela ter vivido por quase meio século em terras brasileiras.” (ZERBINI⁸, 2007, p. 7).

A falta de registros sobre D. Teresa Cristina faz-nos questionar sobre a vida da Imperatriz: apesar de sua posição como Imperatriz do Brasil, optou por não se envolver em assuntos políticos para assim ter mais tempo para cuidar da vida doméstica do Palácio Imperial e da educação de suas filhas, a Princesa Isabel e a Princesa

⁴ Princesa Teresa Cristina de Bourbon e Duas Sicílias

⁵ D. Pedro II, Imperador do Brasil

⁶ Primeira Imperatriz do Brasil, primeira esposa do Imperador D. Pedro I.

⁷ Segunda Imperatriz do Brasil, segunda esposa do Imperador D. Pedro I

⁸ ZERBINI, Eugenia. A Imperatriz Invisível. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 2007

Leopoldina? Talvez pelo fato de ter perdido muito cedo os dois filhos homens que, pela tradição das monarquias da época, poderiam dar continuidade à coroa Imperial do Brasil e com isso acabou ganhando a afeição da população brasileira.

Figura 2: D. Pedro II e D. Teresa Cristina com as Princesa Isabel e Leopoldina, por François – René Moreaux ⁹ em 1857 no Rio de Janeiro.



FONTE: Disponível em <http://chc.org.br/a-cara-do-brasil-imperial/>. Acesso em 15 de Abril de 2017

Sobre os atributos físicos da Imperatriz:

Tinha o nariz dos ancestrais – em formato de berinjela - olhos miúdos, lábios estreitos e queixo duro. Os cabelos escuros amarrados em bandos sobre a orelha acentuavam o perfil comprido. Talvez por tudo isso, sorria pouco. As pernas excessivamente arqueadas por debaixo das saias davam a impressão de que ela mancava. Elegância? Nenhuma. Graça? Pouca. Só a voz de contralto que exercitava em pequenos trechos de óperas italianas e a facilidade com que se acompanhava ao piano. (DEL PRIORE, 2008, p. 167).

⁹ Pintor Frances radicado no Brasil, ajudou a fundar o Liceu de artes e Ofícios no Rio de Janeiro, irmão do também pintor Louis Auguste Moreaux.

Figura 3: Imperatriz Tereza Cristina do Brasil.



FONTE: Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/542894930063290700/> acesso em 15 de Abril de 2017.

Dessa maneira, como que uma mulher que tinha, apesar da compreensão poética, problemas de memorização, pôde deixar um acervo tão grande de livros e peças arqueológicas, as quais se encontram no Museu Imperial de Petrópolis e no Museu Nacional na Quinta da Boa Vista no Rio de Janeiro? Nos seus diários pessoais, relata sobre a sua vida na corte, salientando sobre as viagens que fez e as óperas que assistia. Esses acontecimentos provam como ela era capaz de entender assuntos que estivessem ligados à cultura de seu povo e à geografia do país onde ela tanto amava. Mais ainda, como uma pessoa de inteligência limitada, segundo a autora, pôde cultivar uma paixão pela arqueologia e pela antiguidade clássica, a ponto de negociar com seus parentes em Nápoles a importação de numerosas peças antigas, que datavam do século V a.C., para fazerem parte dos museus e exposições que organizava? Não só isso. Como uma Imperatriz que não se expressava nas rodas sociais pôde ter exercido uma influência tão significativa nos fluxos migratórios de italianos para o Brasil? São essas apenas algumas questões importantes para se pensar acerca da imagem estereotipada que é feita de D. Teresa Cristina por alguns historiadores, diferentemente do que outros registros apontam.

É importante compreender que a terra natal de Teresa Cristina é um lugar embebido da cultura erudita, sobretudo nos campos do pensamento, da pesquisa e da expressão artística, além de ser uma das cidades europeias mais avançadas no século XVIII. Os Bourbons, dentre outras iniciativas, empenharam-se na escavação dos materiais arqueológicos de Herculano e Pompéia, cujos achados foram enriquecendo o acervo do *Real Museo Borbonico*¹⁰ de Nápoles.

Figura 4: Imperatriz Teresa Cristina,
Fotografia de Carneiro e Gaspar e coloração de J. Courtois¹¹.



FONTE: Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/396527942173067042/> acesso em 15 de Abril de 2017.

¹⁰ Hoje conhecido como Museu Arqueológico Nacional de Nápoles (MANN), CONSIDERADO O Museu Arqueológico mais importante do mundo.

¹¹ São sócios na firma Carneiro & Gaspar, com sede no Rio de Janeiro e em São Paulo. O nome de Carneiro está mais ligado ao desenvolvimento da fotografia na capital do império pois, de 1859 a 1888, integra diversas sociedades, sempre mantendo seu estúdio carioca no mesmo endereço e anunciando regularmente no *Almanaque Laemmert*, revista publicada na cidade. Antes de se juntar a Gaspar, entre 1858 e 1865, Carneiro é sócio de Smith na empresa Carneiro & Smith. Na capital paulista, eles mantêm o ateliê Galeria Explendida, que, entre 1862 e 1865, é gerenciada por Gaspar. Em 1865, com a formação da nova sociedade, a sede carioca passa a chamar-se Carneiro & Gaspar e, em São Paulo, Photographia Acadêmica. Destacam-se, sobretudo, pela produção de retratos, fotopinturas em tamanho natural, fotomontagens e pelas caricaturas feitas pelo artista Fleiuss (1823 - 1882) em seus anúncios publicitários. Os dois fotógrafos têm ampla clientela, incluindo a família imperial.

Figura 5: Imperatriz Teresa Cristina do Brasil. Por Joaquim Insley Pacheco¹²



FONTE: <http://brasilianafotografica.bn.br/?p=6798> acesso em 15 de Abril de 2017.

Figura 6: Imperatriz Teresa Cristina do Brasil



FONTE: Disponível em <https://br.pinterest.com/pin/367254544588405728/> acesso em 15 de Abril de 2017.

¹² Famosos retratistas do Brasil no século XIX, o fotógrafo e pintor português Joaquim José Pacheco, posteriormente Joaquim Insley Pacheco, nasceu em Cabeceiras de Bastos, em 1830. Era muito requisitado pela corte imperial brasileira e, além de ter sido muito procurado para a execução de retratos, era reconhecido por seu trabalho com fotopintura. foi o introdutor da ambrotipia no Brasil.

Em uma conferência feita no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (I.H.G.B), na ocasião do centenário de Teresa Cristina, Max Fleiuss traçou um perfil que fomentou o estereótipo da Imperatriz. Disse o então secretário do I.H.G.B.:

A delicadeza de coração desse anjo tutelar, que havia de ser no Brasil em quase meio século [...] Esse requinte de delicadeza penhorou em extremo os homens do mar, reconhecendo todos que a *bella* Itália destinara, sem dúvida ao Brasil, um *seraphim* de bondade e candura celeste, sob as insígnias imperiais, justo penhor de felicidade da nova e grande pátria que a fizera sua imperatriz (FLEIUSS, 1922).

Contudo, o que se pode esperar de uma mulher que viveu no século XIX, em um país em construção, cheio de contrastes, cuja economia era ainda fortalecida pela venda de escravos? O Brasil era o único país monárquico da América do Sul, portanto, o povo apenas esperava que a Imperatriz carregasse uma imagem de boa esposa.

Na História, D. Teresa Cristina, inevitavelmente, sempre teve a sua imagem relacionada com a de D. Pedro II. Desse modo sendo vista em um lugar inferior e sem importância, em contraste com a popularidade do último imperador do Brasil, tido como “grande monarca cidadão.” (SCHWARCZ¹³, 2009, p.39).

Poucos sabem que a Imperatriz Tereza Cristina era muito mais do que uma submissa e bondosa mãe e esposa. Extremamente culta, ia além dos conhecimentos musicais em que superava o marido. Apesar do saber erudito de D. Teresa Cristina, ela também exerceu influência junto a D. Pedro II, no tocante à imigração de trabalhadores italianos para o país, os quais trabalharam como lavradores de café, médicos, engenheiros, professores, farmacêuticos, enfermeiras, artistas e artesões (VANNI, 2000, p. 41-42 apud AVELLA¹⁴, 2010, p. 9). Por ser italiana de nascimento, acabou servindo como uma ponte para a aproximação entre os dois países, visto que a imigração italiana ocorreu em larga escala. Normalmente, é representada como uma mulher distante, religiosa, sem encantos físicos, de uma educação fria e deficiente, cujo casamento, fruto da política, foi traumático e marcado por infelicidade. No entanto, outro olhar, um pouco mais poético, vem do escritor e secretário do Instituto Histórico Geográfico

¹³ SCHWARZ, Lília Moritz. *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

¹⁴ AVELLA, Aniello Angelo. Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada. In: *Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade*. ANPUH/SP – UNESP-Franca. São Paulo, set. 2010.

Brasileiro, Max Fleiuss, em um artigo publicado na Revista do IHGB, em 1922:

O céu azul de Nápoles inspirou versos de Tasso (Goethe). Veneração e estudo, [...], grande vulto, perfil mais de santa ou de Madonna (mãe dos brasileiros). Santa velhinha [...] na fronte dupla coroa, santidade e martírio, o coração de ouro [...]. Branda luminosidade em doce oval de Madonna de Raphael ou de Leonardo da Vinci. Há criaturas privilegiadas, quase sobrenaturais, que refletem neste mundo a doçura indizível, o encanto extraordinário da terra onde nasceram. Esse fato particularmente se observa com a nossa terceira imperatriz cuja placidez de semblante, branda luminosidade azulina da pupila e beleza da alma transpareciam em seu doceoval de madona de Raphael ou de Leonardo da Vinci, cujo bondoso olhar e sorrir nos traduziam moralmente toda a diafaneidade do céu da Itália, harmonizando-se, nos matizes da luz, com o cenário da bahia toda azul de Nápoles, formosa rival da nossa (FLEIUSS, 1922, p.4).

A Imperatriz do Brasil é posta como modelo das virtudes domésticas, mãe e esposa exemplar, avó e, por último, imperatriz. No entanto, o “não-ditos” sobre Teresa Cristina, o seu silêncio ao longo da história, acabou constituindo um elemento fundador do “mito da mãe dos brasileiros”:

Trata-se, pois, de um exercício de história da memória; memória aqui entendida como fenômeno coletivo cuja consolidação e perpetuação não deriva automaticamente da existência de uma e permanência de uma “comunidade afetiva”, mas da participação ativa de atores sociais que – através de estratégias, suportes e construções narrativas variadas – intervêm no processo de constituição e formalização das recordações. Tal processo implica, necessariamente, de forma mais ou menos consciente, apagamentos, adaptações, omissões e não-ditos, os quais, em determinados momentos, podem vir à tona na forma de “lembranças dissidentes” (SCHMIDT, 2009, p. 156).

Figura7: D. Pedro II, D. Teresa Cristina e seu neto o Príncipe Pedro Augusto



FONTE: INSTAGRAM, @maisonimperialeubresil acesso em 15 de Abril de 2017

O noivado entre a “imperatriz silenciosa” (GUIMARÃES, 2011) com o Imperador do Brasil foi marcado pela frustração de D. Pedro II. Teresa Cristina, com 21 anos, fazia parte de uma família de pouca importância em comparação às demais casas reais europeias, pertencendo “ao ramo suspeito dos Bourbons” (ZERBINI¹⁵,2007). Nesse matrimônio, passaram dificuldades iniciais:

Não fora fácil encontrar esposa para o pai, acusado de ter matado a primeira mulher e para o filho a situação não se alterava. Por isso, a noiva vinha de uma casa real reconhecida, mas de menor importância dentro da “constelação de princesas à disposição”. Nos retratos que o jovem recebeu, ficavam expostas as qualidades físicas da futura imperatriz, porém minimizados os seus defeitos: a falta de cintura, o andar coxo, o rosto duro [...]. Após uma longa viagem, chegava

¹⁵ ZERBINI, Eugenia. A Imperatriz Invisível. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 2007

Teresa Cristina, e a primeira impressão do imperador teria sido de desapontamento. Contam os documentos que Pedro II, romântico por natureza, teria chorado nos ombros de Dadama¹⁶, a condessa de Belmonte, sua aia, ao conhecer a noiva.
(SCHWARCZ, 2009, p.30).

As biografias as quais pude conferir sobre D. Pedro II, não tratam sobre o trágico encontro entre os noivos. Nas biografias conferidas sobre D. Pedro II, alguns historiadores afirmam que nunca houve palavra dita ou escrita entre o casal sobre os eventos traumáticos de seu encontro. O fato é que, com o passar do tempo, verificou-se um estreitamento entre eles, como a influência de Teresa Cristina sobre o marido, pelo fato de ser “quatro anos mais velha” que o Imperador, fazendo com que ele se tornasse “mais confiante e mais expansivo nas funções oficiais e na vida social” (CARVALHO, 2007, p.52). Ademais, uma intensa intimidade percebida pelo nascimento dos filhos com um intervalo de um ano entre cada um, embora houvesse mexericos sobre a “impotência sexual” do jovem Pedro II (BARMAN, 2012, p.153).

Por outro lado, a historiadora Mary Del Priore trata sobre o perfil do relacionamento entre Dom Pedro e Dona Teresa Cristina, deixando claro alguns motivos pelos quais um crescente esfriamento teria se instalado entre eles:

A imperatriz era, segundo a imprensa, “um anjo de bondade”, dona de uma “mão caridosa” e incapaz de “arrancar um gemido de dor ao coração dos brasileiros”. Passava o tempo a fazer boas ações. Mas se possuía um caráter doce, fisicamente era um desastre. Tinha o nariz dos ancestrais – formato de berinjela –, olhos miúdos, lábios estreitos e queixo duro. Os cabelos escuros amarrados em bandos sobre a orelha acentuavam o perfil comprido. Talvez por isso, sorria pouco. As pernas excessivamente arqueadas por debaixo das saias davam a impressão que ela mancava. Elegância? Nenhuma. Graças? Poucas. Só a voz de contralto que exercitava em pequenos trechos de óperas italianas e a facilidade com que se acompanhava ao piano. Correspondia ao ideal que se tinha na época para uma mulher casada: boa mãe e esposa dócil. No mais, era inofensiva. Seu encontro com o primo D. Pedro II foi resultado de um casamento arranjado, como tantos que se faziam no século XIX (DEL PRIORE, 2008, p.167).

¹⁶ A forma carinhosa que D. Pedro II chamava Luisa Margarida, Condessa de Barral.

Figura 8: D. Pedro II e D. Teresa Cristina



FONTE: Disponível em: <http://www.oguialegal.com/08-teresacristina.htm>. acesso em 07 de Maio de 2017

Teresa Cristina consolidou-se como a "veneranda matrona", pelo fato de apresentar-se frente à figura simbólica de seu marido. Isso se comprova em publicações de jornais, que ressaltavam a dedicação da Imperatriz com o marido, que estava com a saúde debilitada. Em 24 de agosto de 1888, a Imperatriz estava muito popular, e as manifestações do povo não deixaram dúvida sobre a continuidade da monarquia e o apoio a Dom Pedro II. Dessa forma, solidificou sua imagem como heroína: "A S. M. a imperatriz, a heroína do lar, o anjo da monarquia brasileira" (Diário de Notícias, 22 de agosto de 1888). Assim, apesar da referência negativa aos seus dotes físicos, foi uma grande mulher, que soube lidar com todos esses obstáculos, para tornar-se, assim, uma grande companheira, mulher, mãe e, sobretudo, Imperatriz.

Capítulo II: Mulher de temperamento Forte.

Em contramão aos estereótipos de esposa "de caráter doce" que foram afirmados a respeito de Teresa Cristina, pelos poucos autores que escreveram e que tiveram acesso as cartas documentadas confirmam que a imperatriz possuía um temperamento forte. Destas, há uma correspondência escrita por sua filha, a princesa Leopoldina, à Condessa de Barral, no dia 22 de outubro de 1866, em que afirma: "Mamãe é muito boa pessoa, mas é um pouco dominadora, gosta que tudo como ela quer, apesar que Deus no Evangelho diz que a mulher deve submissão ao marido." (Carta da Princesa Leopoldina a Condessa de Barral)

Teresa Cristina não escondia o forte temperamento e reconhecia ela mesmo esse aspecto de sua personalidade em cartas enviadas ao próprio marido, em que pede desculpas por um ou outro episódio. "Non vedo il momento diriabbracciarti, buon Pedro, e cercarti perdono ditutto quelloche ti hofatto questigiorni (...)", "Io non stoirritata con te e mi devi perdona requesto mio carattere (...)". (Não vejo a hora de abraçá-lo, bom Pedro, peço perdão por tudo o que fiz nesses últimos dias ", " Eu não estou bravo com você, e você deve me perdoar minha índole¹⁷".) Nesse trecho pode se perceber que esse pedido de desculpas foi feito após mais uma briga/discursão entre marido e mulher. Motivo? Podemos imaginar muitos, como a política, a educação das filhas, a presença da Condessa de Barral no Palácio Imperial. Mais um detalhe a própria Teresa Cristina não deixa escapar, que tinha uma índole muito forte e mostra também o retrato das famílias ricas naquele período, os homens mandam na sociedade, mais as mulheres mandam dentro de casa.

¹⁷ A carta encontra-se no arquivo histórico do Museu Imperial de Petrópolis, Arquivo Grão Pará. IBIDEM

Figura 9: Sua Majestade o Imperador D. Pedro II do Brasil e Sua Majestade a Imperatriz D. Teresa Cristina do Brasil



FONTE: Disponível em: <http://www.revistapublicitta.com.br/acao/entretenimento/os-tesouros-de-teresa-cristina-imperatriz-arqueologa/>. Acesso em 02 de Abril de 2017

Em uma palestra realizada na Academia Brasileira de Letras, Avella revelou alguns fatos que trazem à tona outro prisma sobre a Imperatriz Teresa Cristina, que manteve sempre a imagem de uma mulher silenciosa ou, segundo ele, "silenciada".

Teresa Cristina não era uma mulher submissa, mas sim uma mulher que respeitava os princípios que eram impostos pela sociedade. E o que eram esses princípios impostos pela sociedade? Ser uma boa mulher, uma boa mãe, uma boa dona de casa, e acima de tudo respeitar o marido em todas as decisões impostas por ele. Apesar de representar um modelo do comportamento feminino na sociedade patriarcal do Brasil, até o início do século XX, ela apresenta também traços de sua personalidade independente. Como por exemplo trazer a cultura para o Brasil, como a dança, artes, dava bolsas de estudos a artistas brasileiros para estudar na Europa, e isso não fazia somente para literalmente representar o nome de “Mãe dos brasileiros”, ela fazia isso com o próprio dinheiro, que vinham de suas propriedades que tinha recebido de herança de parentes europeus. pois foi criada no meio da cultura e queria fazer o mesmo por aqueles que acabar de adotar.

A imagem de mulher rejeitada atribuída à Teresa Cristina foi fortalecida com a relação extraconjugal de D. Pedro II com Luísa, a Condessa de Barral. Isso se somou ao desprezo inicial que a imperatriz sentiu de seu marido, ao vê-lo pela primeira vez, apesar de D. Pedro ter registrado que: “estimo profundamente minha mulher; cujas qualidades constitutivas do caráter individual são excelentes” (PEDRO II, citado por CARVALHO, 2007, p.80). No entanto, isso não foi suficiente para que Teresa Cristina conseguisse efetivamente a atenção e o amor do marido, em relação à sua amante.

Com isso, é possível verificar na fala de Del Priore (2008) que Teresa Cristina nunca teve a intenção de se impor diante da vida íntima de sua família, como em seu casamento e na educação de suas filhas:

A chegada de Luísa mudou tudo. Teresa Cristina agora via suas filhas se afastarem também [...]. E não lhe passava despercebido o encanto do seu “querido Pedro” por aquela mulher. Teresa se sentia ameaçada pela inteligência, o brilho e a graça de Luísa. Teresa Cristina nada podia contra sua adversária. Compreendia poesia e a literatura, mas não conseguia memorizar coisa nenhuma. Ouvia comentários nas rodas sociais, mas não fazia qualquer contribuição. Suas ideias religiosas e preconceitos de infância eram um entrave para sua inteligência. Quando perguntada sobre qualquer coisa, mandava falar com D. Pedro. Seu temperamento introspectivo a impedia de externar a inveja que lhe provocara Luísa. Chorava por dentro, compreendendo que havia uniões desiguais de espírito. E que a sua com D. Pedro era uma delas (DEL PRIORE, 2008, p.170).

Por outro lado, Avella (2012) mostra outra imagem de Teresa Cristina, cuja atitude da imperatriz teria sido de reação diante da traição de D. Pedro II com a Condessa de Barral. Para o historiador, Teresa Cristina tinha personalidade forte e não teria permanecido submissa diante da traição do marido, lembrando ao temperamento explosivo característico dos napolitanos. E que, em pouco tempo, foi evidenciada pelo historiador Julio Cezar Vanni:

Conquistou a confiança do marido, passando, inclusive, a colaborar em decisões de estado. Para melhorar a situação da saúde pública e do ensino, ela conseguiu facilidades para que viessem para a corte brasileira muitos italianos médicos, engenheiros, professores, farmacêuticos, enfermeiras, artistas, artesões e trabalhadores

qualificados. Começaram a chegar, também, trabalhadores braçais e agricultores, que possibilitaram em 1847 a criação da Colônia *Vallones dos Reados*, a primeira colônia italiana no interior da Província.(VANNI, 2000, p.41-42).

Após a chegada de Teresa Cristina no Brasil, e com ajuda da mesma, muitos navios italianos começaram a chegar nos portos do Rio de Janeiro e com isso a grande corrida imigratória, como se sabe, começaria em 1875; por tradição, a historiografia privilegia a presença italiana em São Paulo, negligenciando outras áreas do País, especialmente o Rio de Janeiro. Na realidade, os imigrantes italianos, que permaneceram na capital carioca e no interior do estado, representam uma coletividade de notável interesse. Eles começaram a se instalar desde os princípios do século XIX, formando o que pode ser considerado o primeiro núcleo de italianos no Brasil. Era, de fato, justamente na Baía de Guanabara que atracavam quase todos os veleiros provenientes do outro lado do oceano, e era na Ilha das Flores que os imigrantes eram obrigados a transcorrer o período de quarentena. Esse núcleo de italianos viu aumentar aos poucos sua importância na realidade brasileira em consequências do casamento de Teresa Cristina com D. Pedro II.

Tentar mostrar um pouco da biografia de Maria Teresa Cristina significa definir os limites de uma nova geografia das relações entre dois povos e duas culturas que, como escreveu Sérgio Buarque de Holanda, são “tão distantes entre si no espaço, mas tão próximas nas suas raízes comuns e seculares” (HOLANDA, 1954).

E em outra visão, o Professor Rogério da Silva Tjader, em um trecho do seu livro *Sua Majestade Imperial D. Thereza Cristina Maria de Bourbon e Bragança – A Mãe dos Brasileiros* mostra que Teresa Cristina era uma mulher muito preocupada não só com o andamento de sua casa, mas também com a população em geral. Mais estava disposta a ajudar os italianos que estavam de alguma forma (ilegais) no Brasil, tentando ser de alguma forma um porto seguro para eles, uma certa vez, Teresa Cristina estava em uma das salas do Paço Imperial, com as janelas abertas voltadas para a rua lateral, enquanto o Imperador Dom Pedro II, na sala ao lado, atendia a um compromisso oficial. A Imperatriz ouviu a voz de dois jovens discutindo em voz alta no mais puro dialeto napolitano, e lhe parecia que estavam bastante nervosos, exatamente bem embaixo da janela onde se encontrava. Os jovens afirmaram que estavam em uma

situação de extrema pobreza, passando as piores necessidades, sem conhecer ninguém naquela terra estranha.

Teresa Cristina, nascida Princesa do Reino das Duas Sicílias, animou-se ao ouvir alguém falar seu idioma natal e foi até a janela, de onde avistou os dois jovens emitindo sonoros palavrões. A Imperatriz não se importou com a grosseria do vocabulário dos jovens, além de que ficou bastante animada em ouvir seu idioma natal, coisa que, por sinal, era bastante rara no Brasil daquela época.

Ansiosa, correu à sala ao lado, onde se encontrava o Imperador, e pediu ao marido que mandasse buscar os rapazes, pois queria saber sua história e ajudá-los no que fosse possível. O Imperador mandou que o Ajudante de Ordens buscassem os rapazes, e a Imperatriz voltou à sala anterior, ansiosa para ver o resultado.

Quando os napolitanos viram aquele oficial todo arrumado se dirigindo a eles, levantaram-se, preparando-se para correr. Então, a Imperatriz disse-lhes, da janela, em dialeto napolitano: “*Nív’appaurate, nu v’appaurate!*”, isto é, “Não se amedrontem, não se amedrontem!”. Aí foi que os rapazes se apavoraram, e um disse ao outro: “*Quillocapichetaliano! Nuiammoditte male parole, mó vene o centarni a nipilhácarcati...*”, que significa “A moça entende italiano e nós dissemos muitos palavrões, e agora mandou a polícia para nos prender...”. (Tjader¹⁸, 2014)

Não é possível imaginar o grande susto pelo qual passaram aqueles rapazes. Mas tudo foi compensando quando tiveram a grande honra de se verem diante de Sua Majestade em pessoa, frente aquele sorridente ar maternal da Imperatriz napolitana, que os hospedou durante certo tempo, enquanto eles aprendiam o português e se acostumavam com os hábitos do Brasil.

Durante a estadia no Palácio, descobriu-se que os dois napolitanos eram, um com dezoito e outro com vinte anos, e chamavam-se Domenico e Cesare Farini, que, sem perspectivas de trabalho na Itália, vieram ao Brasil, visando um futuro com mais oportunidades de trabalho. Dessa forma, fugiram de casa em busca de aventuras e com o objetivo de enriquecerem, então, embarcaram como clandestinos, no primeiro navio pronto para zarpar do porto, sem ao menos se preocuparam com o destino da embarcação. E, por fim, vieram dar com os costados no Rio de Janeiro. Sorte deles?

¹⁸ TJADER, Rogerio da Silva. Sua Majestade Imperial D. Thereza Christina Maria de Bourbon e Bragança - A Mães dos Brasileiros. Vassouras: PC DUBOC. 2ª ed. 2015.

Dois anos depois dessa briga embaixo da janela daquela "Moça", a conselho da própria Teresa Cristina, os dois rapazes voltaram a Nápoles, onde foram estudar, aprendendo o ofício de ourives. Tempos depois, retornaram ao Rio de Janeiro, onde se estabeleceram em uma joalheria na Rua dos Ourives (atual Rua Miguel Couto), ganhando fama e prestígio, a ponto de poderem ostentar, na tabuleta na porta de entrada da loja, o título de "Joalheiros da Casa Imperial".

Por esse relato podemos notar que Teresa Cristina era uma mulher preocupada em ajudar não só suas filhas, mas também os imigrantes, mesmo sendo ilegais no país, a sua sensibilização em ajudar os jovens italianos talvez seria uma forma de estar mais próxima de sua terra natal ou uma forma de imaginar fazendo mesmo pelos seus filhos que perdeu durante a infância. Talvez por isso sentisse medo de perder mais alguém, já que era declarada "Mãe" de todo um país, um país que lhe recebeu de braços abertos, mesmo sendo uma estrangeira.

Figura 10: Dona Teresa Cristina sentada, a Baronesa de Japurá e o seu médico, o Conde de Mota Maia (última foto da Imperatriz Tereza Cristina.).



FONTE: INSTAGRAM, @maisonimperialebrazil acesso em 15 de Abril de 2017

Figura 11: Família Imperial do Brasil, foto de Otto Hees¹⁹



FONTE:https://pt.wikipedia.org/wiki/Pedro_II_do_Brasil.

¹⁹Fotógrafo, funcionário público, militar e político. Filho do fotógrafo alemão Pedro Hees . Alguns dias antes da Proclamação da República, em novembro de 1889, faz a última fotografia da família imperial antes da deposição e exílio. No início de 1890, associa-se a seu irmão, Numa Hees, mudando o nome da sua empresa para Irmãos Hees.

Capítulo III: Uma Condessa ao meio da relação.

Uma vida organizada e regrada moralmente era o escopo da vida familiar no Brasil do século XIX. Essa estrutura veio da Europa, sobretudo na Inglaterra vitoriana, a qual proclamava essa vida rígida e disciplinada.

No século XIX, a mulher exercia um papel fundamental como mantenedora da ordem, conforme os costumes da época. A família imperial era constantemente fotografada e sua imagem difundida em todas as camadas da sociedade, como um “exemplo de família” (ALENCASTRO, 1997, 185). Nas fotografias, a imagem de Teresa Cristina era quase sempre a mesma, sentada, talvez por ser baixa ou pelo problema em uma das pernas, mas era vista e apontada como uma mulher respeitada e cheia de virtudes.

No entanto, a entrada da Condessa de Barral na corte pôde ter desencaminhado a vida do casal Imperial, pois D. Pedro II a colocou como chefe das damas de companhia. Por este motivo, Teresa Cristina acabou obrigada a ficar perto da amante de seu marido, Provavelmente foi este um dos motivos para que a convivência no Palácio Imperial não tenha sido dos melhores, sendo a corte conhecida como “a mais triste do mundo” (CARVALHO, 2009, p.34).

Figura 12: Luísa Margarida de Barros Portugal, Condessa de Barral



FONTE:Disponível em <https://tokdehistoria.com.br/tag/mary-del-priore/> acesso em 15 de Março de 2017-06-05.

Assim, quem foi esta Condessa que contribuiu para que o Palácio Imperial fosse o mais triste do mundo? Nascida Luísa Margarida de Barros Portugal, no dia 13 de Abril de 1816, em Santo Amparo da Purificação – Bahia foi a única filha de Domingos Borges de Barros, Visconde de Pedra Branca e de Maria do Carmo Gouveia Portugal. Segundo a descrição de Mary Del Priore,

Mãe e filha eram muito parecidas: pele alva, cílios longos, olhos e cabelos escuros. D. Maria do Carmo entrou em resguardo e a pequena Luísa cumpriu alguns rituais. Pingaram nos seus olhos gotas de limão verde, foi mordida por uma pessoa de belos dentes e tomou o primeiro banho, com uma moeda bem grande no fundo da gamela. Seu cordão umbilical foi enterrado no quintal perto de uma árvore de fruta. Como presente dos pais recebeu uma medalha da Virgem Maria, acompanhada de uma figa. O corpinho molengo foi imerso em cachaça misturada com água. Modelaram a cabeça para ficar mais bonita e o umbigo recebeu pimenta em pó para cicatrizar mais rápido. (DEL PRIORE, 2008, p.14).

A Condessa de Barral perdeu a mãe ainda muito jovem, e por isso seu pai mandou-lhe à França, para que pudesse ter contato com a melhor educação da época. Viu dois mundos diferentes: frequentou a Corte Francesa, moderna e rica, e a Corte Brasileira, arcaica e sem muitos requintes.

Figura 13: Visconde da Pedra Branca 1779 a 1855



FONTE: Acervo do Itamaraty - óleo sobre tela, obra de Hermann Winterhalter²⁰, Acesso em 06 de Maio de 2017

Luísa foi uma mulher muito à frente de sua época, já que teve a liberdade de decidir o destino de sua vida, em relação a compromissos e a casamento, pois não aceitava os limites que delimitavam a vida das mulheres naquele período. Dona de uma personalidade muito forte, não se contrariava para não desagradar aos homens, era culta e falava vários idiomas e, com isso, deixava apenas duas opções: ou era odiada ou amada. Somando a essa personalidade ela teve um pai que respeitava as suas decisões, pois não a obrigou a casar-se com ninguém, apesar de esta comprometida, a contragosto, com Miguel Calmon Du Pin e Almeida, Marquês de Abrantes. Então, durante uma viagem de volta ao Brasil ela conheceu o seu futuro marido. Este, Eugênio Visconde de Barral, o Conde de Barral, estava acompanhado de seu primo, o Conde de Saint-Priest, que acabara de ser nomeado Ministro da França no Brasil em um navio, onde estava Luísa.

²⁰ Pintor da Escola alemã, irmão do também pintor Franz Xaver Winterhalter, conhecido por seus retratos da realeza e por ter pintado as Imperatrizes Maria Eugenia da França e Elisabeth da Áustria (Slssi).

Luísa e Eugenio acabaram se reencontrando várias vezes em Paris, além de terem trocado cartas enquanto ela estava no Brasil para rever o seu pai. Em um dos reencontros na capital francesa, Eugenio pede Luísa em casamento, mas ela nega o pedido. No entanto, ele esperou a vinda do pai de Luísa em Paris para repetir o pedido. Dessa forma, com a educação que havia recebido de seu pai, Luísa não conseguia pensar em não aceitar essa união. No entanto, seu pai percebera que alguma coisa estava por acontecer, e, quando foi à Paris para visitar a filha, encontrou novamente Eugenio, Conde de Barral, que se mostrava muito curioso com a Monarquia no Brasil, fato esse que chamou do pai de Luísa, Domingos.

Eugenio, além de ser um homem muito bonito, pertencia a uma das famílias mais antigas da nobreza francesa. Além disso, o pai de Eugenio não era apenas um Conde de Barral, mas também um Marquês de Montferrat e de La Batie d'Arvillars, acrescentando ao fato de ter sido pajem de Napoleão. Desse modo nasceu com uma colher de prata na boca, como se dizia na época das pessoas que haviam nascido em berço de ouro. Assim, quando completou 21 anos, Luísa decidiu casar-se com Eugenio. Esse fato perturbou ao pai da moça, Domingos, que estava constrangido em ter que comunicar ao então prometido de Luísa o fim do compromisso, já que isso quebraria a tradição de casamentos entre famílias amigas no Brasil.

Após o casamento entre os dois, como Eugenio, apesar de pertencer a uma das famílias mais nobres da França, estava falido, vieram morar na fazenda da família Borges de Barros no Brasil. Juntando a esse problema financeiro de Eugenio, a situação da família de Luísa também não era das melhores, já que o declínio do açúcar fez com que os preços abajassem, e com isso o grande engenho de sua família sofreu grandes perdas. No entanto, apesar desses problemas, Domingos autorizou uma grande reforma na casa grande, retirando a lama de perto da casa, além de comprar bons cavalos e construir novos quartos e casas, pois os Condes de Barral iriam trazer os próprios criados. Quando veio morar no Brasil, Luísa assustou-se com os escravos, pois se desacostumou, na Europa, a ver os negros andando pelas ruas seminus. Achou repugnante: Os africanos, entre os quais tinha crescido, agora a incomodavam. Os 19 carregadores que trouxeram as malas foram descritos como “horrorosos”. A ausência de qualquer roupa lhe causava repugnação ligada aos valores do pudor. (DEL PRIORE²¹, 2008, p.84).

²¹ DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral. A Paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

A volta não foi fácil para a Viscondessa de Barral, pois já tinha se acostumado com o luxo e a modernidade da Europa, e dessa forma esqueceu-se da vida simples que tinha no Brasil. Tudo era estranho para o casal de Barral, pois os colchões eram de palha, fazia muito calor, não havia etiqueta nas visitas familiares. Para Luísa, as crianças não eram bem-vindas, pois pensava que essas não tinham o refinamento necessário para manter-se em uma sociedade. Apesar disso, Luísa e Eugenio tiveram que se adequar a essa nova realidade na qual estavam vivendo, e com isso Eugenio começou a trabalhar na lavoura, enquanto Luísa cozinhava para ajudar as escravas na preparação dos mantimentos e dos cuidados da casa. A notícia de que os Viscondes de Barral estavam morando no Brasil chegou bem rápido à corte no Rio de Janeiro, onde os Viscondes poderiam ser aproveitados. Então, Domingos escreve a um amigo, o Visconde de Itabaiana, no dia 09 de Agosto de 1843:

De volta a este meu retiro, recebi uma carta da Viscondessa de Barral em que me diz que, sendo filha de um Veador de nossas Princesas e mulher de um Visconde francês, reúne ela as qualidades precisas para servir o cargo de Dama de honra da Princesa de Joinville; e como este cargo parece não estar ainda provido, me encarrega ela de fazer uma abertura a este respeito pelo meio que me parecer mais confiável. [...] a Viscondessa de Barral é filha do Visconde de Pedra Branca, ex-primeiro Ministro do Brasil nas Cortes da França e a pessoa a quem Sua Majestade El Rei Luis Felipe distinguiu sempre durante a sua estada em França”. (DEL PRIORE, 2008, p.101).

Pode parecer estranho o ex prometido indicar a ex noiva para um serviço no Palácio Imperial, mais a amizade com Domingos ainda era muito grande, e por isso a ajuda do então Visconde de Itabaiana ainda continuava forte. Além do prestígio na que tinha na Bahia e na Europa, Domingos já havia contribuído muito ao Visconde de Itabaiana, então, esse pedido soou mais como uma ordem. Ademais, o casal estava atarefado em funções que não eram comuns a Viscondes, portanto, ambos foram enviados à Corte. Com essa decisão, Luísa e seu marido mudaram-se para o Rio de Janeiro, para a Corte onde se tornaria a Dama de Companhia de uma das irmãs do Imperador D. Pedro II, a Princesa Francisca de Bragança, que estava recém-casada com

o Príncipe Francês Francisco Fernando de Orleans, Príncipe de Joinville. Após este casamento, a Princesa Francisca iria mudar-se para a França, e, desse modo, Luísa voltaria à França como dama de companhia da então Princesa de Joinville. Sua tarefa era ajudar a jovem Princesa a se comportar na Corte Francesa, onde havia regras e etiquetas, pois a Princesa não estava acostumada com esses requintes.

Esse período fora da França para Luísa fora de descoberta, ocorreu uma revolução que marcou a derrota da aristocracia, colocando a burguesia no lugar do antigo reinado. No entanto, apesar dessas mudanças Luísa não teve muitas dificuldades em se adaptar a essa nova Monarquia que estava no poder na França, pois esqueceu rápido do engenho e começou uma nova vida junto com os Orleans. A Viscondessa ajudou a Princesa com todo o que foi necessário, por exemplo, a evitar que essa fosse humilhada por suas gafes frente às tradições francesas. Durante o tempo que esteve lá, também aproveitou para rever os amigos que fez enquanto morava no país; participou de festas na corte junto com a família Real. Ademais, colaborou com que a Princesa se adaptasse à corte, através do ensinamento do bordado, corte e costura.

Enquanto esteve na França, contrariamente à posição positiva de Luís Felipe em relação a um clima de tranquilidade no país Europeu, Luísa vivenciou a revolução que ocorreu na terça-feira do dia 22 de fevereiro de 1848:

Na terça – Feira, 22 de Fevereiro, pela manhã, apesar dos rumores, Luís Felipe achou que Paris estava tranqüila. Errou. Pois, na mesma manhã, manifestantes barbados, com gravatas esvoaçantes e bandeiras tricolores, se reuniram na praça de La Concorde. Arrancaram os paralelepípedos e queimaram cadeiras ao longo do Champs – Elysée. Ainda assim o Rei foi dormir confiante. Às nove horas do dia seguinte, nova rebelião do lado de Montmartre e da rua Du Temple, no Marais. O Rei chamou a Guarda Nacional ara assegurar a ordem. Nada de resposta. A defecção da Guarda desarmou o Exército. Na quarta – feira, um drama tornou a revolução inevitável. (DEL PRIORE²², 2008, p.124).

²² DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral. A Paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

Foi o início da segunda República francesa ou o golpe de Napoleão Bonaparte para criar o Império Francês. Assim, Luísa vê-se perdida após esse acontecimento, via o Rei e sua família sem ânimo para lutar em prol da monarquia, via a Família Orleans sem forças. Esta fugiu sem renda alguma para o castelo de Claremont na Inglaterra, com a permissão da Rainha Victoria, e tiveram o Palácio Real saqueado e seus bens queimados. Luísa, com persuasão, dialogou com o Governador provisório da França e conseguiu retirar os pertences que Princesa Francisca havia deixado para trás, as suas lembranças do Brasil, além disso logrou recuperar parte dos bens que haviam sobrado dos Orleans, devolvendo-os a estes. Após a Revolução e a saída dos Orleans, Luís Napoleão conseguia, aos poucos, voltar ao poder da França. E, apesar dos esforços de Luísa, não foram suficientes para evitar um mal estar com a família Barral, já que o Visconde de Barral era aparentado dos Beauharnais. Luís Napoleão congelou todos os bens dos Orleans, assim, os Príncipes de Joinville viviam com pouco, habitando em um apartamento no Palácio de Claremont, com uma pequena mesada oferecida à Princesa Francisca fornecida por seu irmão, D. Pedro II. Com tudo isso, Luísa resolveu voltar ao Brasil, pois estando nesta nação, poderia ao mesmo tempo manter relações com os Orleans e com os Bonaparte. Ao retornar, seu pai havia morrido e descobriu que estava grávida do seu primeiro filho.

Com a volta dos Bonaparte ao trono da França, a família Barral voltou a estar em uma boa situação. Junto a isso Eugênio recebeu o convite de Napoleão III para suceder o seu falecido pai no Palácio de Luxemburgo. Desse modo, Luísa via-se voltando a Paris para viver o estilo de vida na qual vivia anteriormente. No entanto, na manhã do dia de sua partida, ela recebe uma carta da Corte do Rio de Janeiro, cujo conteúdo era um pedido do Imperador D. Pedro II para que ela fosse a dama de companhia das Princesas Isabel e Leopoldina. Assim, a Viscondessa fica com uma dúvida: vale mais acompanhar o seu marido, pajem na Corte francesa, ou ter sucesso na Corte do Rio de Janeiro? Uma dúvida que deve ter passado na cabeça de Luísa, já que ela estava novamente em alta na sociedade francesa. Luísa analisou seu passado, e nisso estava sua relação com os Orleans, a falta de dinheiro, desse modo reavaliou sua ida para a França, e exigiu à Corte uma quantia de 12 contos por ano, carruagem, livre autonomia e uma professora que a auxiliasse nas disciplinas com as Princesas como condição para que ela aceitasse. Essa exigência foi feita com a justificativa de que seria necessário que ela se deslocasse para o Rio de Janeiro, já que toda a fortuna de sua

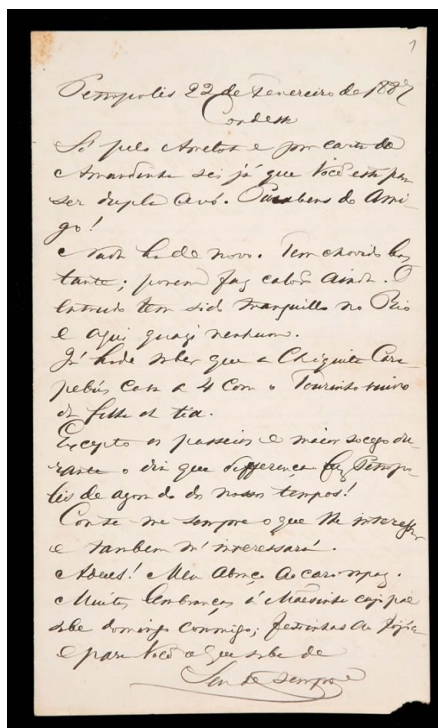
família estava na Bahia e na França. O Imperador D. Pedro II aceitou todas as exigências da Condessa de Barral e disse mais: “Antes da pergunta de madame de Barral, já tinha intenção de fazê-la dama da Imperatriz”(DEL PRIORE, 2008, p.134). Em seguida, Luísa e seu filho mudaram-se para o Rio de Janeiro, enquanto Eugenio foi à França, onde tomou posse do cargo deixado por seu pai, à convite feito por Napoleão III. Na Corte, Luísa deparou-se com uma residência sem alegria e com tradições bem diferentes das que estava acostumada na França. A comida era ruim, não se tomava vinho, o Imperador comia muito rápido, as carruagens eram velhas e o cardápio era basicamente canja todos os dias.

Com a chegada de Luísa ao Palácio Imperial, há uma relação conflituosa com Teresa Cristina, já que a Viscondessa deixa claro que a Imperatriz é deselegante, enquanto que o Imperador é um homem forte e conquistador. Segundo Mary Del Priore, em seu livro sobre a Condessa de Barral, Luísa era uma mulher muito bem vestida, feminina e perfumada, ao passo que Teresa Cristina não era nada disso, pois a Imperatriz era melancólica, uma mulher triste pela perda de seus dois filhos homens.

Luísa tinha influencia sobre as Princesas e em especial sobre Isabel. Esse poder é comprovado quando chegam os futuros noivos para se apresentarem às Princesas. A Condessa demonstrava um favoritismo maior ao Conde d’ Eu, que pertencia à casa de Orleans, onde viveu por alguns anos, mas a Imperatriz queria que Isabel ficasse com o Duque de Saxe.

Apesar disso, Isabel acaba casando-se com o preferido de Luísa, o Conde d’Eu. Em um de seus diários, Teresa Cristina não esconde o descontentamento pela presença de Luísa no Palácio: “Ao menos esta noite se passou mais alegre”. Neste trecho, a Imperatriz regozija-se pelo fato de que Condessa não esteve no Palácio. Mas, após o noivado das Princesas com os Príncipes Europeus, o trabalho de Luísa estava chegando ao fim, então, a Condessa e seu filho mudam-se para Paris novamente. Ainda que Teresa Cristina tenha se incomodado com a presença de Luísa no Palácio, ao se despedir a Imperatriz acaba demonstrando um pouco de tristeza com a partida da Condessa. Passou-se alguns dias, então Luísa começa a receber as primeiras cartas do Imperador, nas quais ele dizia: "Estou muito só, valendo-me o muito o que tenho que fazer". Assim começa a troca de cartas entre os dois. Havia ficado acordado que as cartas deveriam ser queimadas após lidas, mas apenas D. Pedro II cumpriu essa promessa, enquanto que Luísa guardou-as.

Figura 14: Carta escrita por D. Pedro a Luísa, Condessa de Barral²³



FONTE: <http://borgesdebarros.blogspot.com.br/2007/10/cartas-da-condessa-de-barral-para.html>
 acesso em 25 de março de 2017

A troca de cartas não demorou a virar assunto entre os frequentadores do Palácio Imperial, fazendo com que a tristeza da Imperatriz aumentasse, e com isso esse sentimento transformou-se em raiva e de certa forma em alívio, pois Luísa estava longe. Consequentemente, os rumores de que o Imperador tinha algo a mais com Luísa ficaram cada vez mais latentes no momento em que D. Pedro II autorizou uma pensão vitalícia inicial de 6 mil franco por ano, sendo dobrada por conseguinte, além disso, concedeu a Luísa o título de Condessa de Pedra Branca. Mas, para tentar evitar que a chamassem de amante do Imperador e ter o nome atribuído ao título de "teúda e Manteúda", Luísa

²³ "Petrópolis, 22 de fevereiro de 1887

Condessa

Só pelos sonetos e por carta do Amandense sei já que você esta para ser dupla avó. Parabéns do amigo! Nada ha de novo. Tem chovido bastante; porem faz calor ainda. O entrudo tem sido tranquilo no Rio e aqui quase nenhum. Já ha de saber que a Chiquita Cara pebús casa a 4 com o Tourinho viuvo da filha da tia.

Excepto os passeios e maior socego durante o dia que diferença faz Petropolis de agora do dos nossos tempos!

Conte-me sempre o que lhe interesar e também m' interessará. Adeus! Meu abraço ao caro rapaz.

Muitas lembranças à Mãezinha cujo pae sobe domingo comigo; festinhas ao jojóca e para você o que sabe de

Seu de sempre"

recusou a pensão vitalícia, alegando que o governo não tinha nenhuma obrigação com ela. Com isso, enviou uma carta ao Tesouro Nacional, para tentar acabar com os rumores de envolvimento com D. Pedro, já que as cartas que mandava ao Imperador podiam ser uma prova de adultério, ainda que tivessem sido disfarçadas, ao serem enviadas de D. Pedro como lembrança ao Conde. Talvez a Condessa tenha se lembrado da história de D. Pedro I e Domitília Canto e Melo, a Marquesa de Santos. Apesar dessa dificuldade em relação ao envio das cartas, Pedro não deixava de lhe escrever, nem mesmo em momentos difíceis, como o que o Brasil tivera a partir de um conflito militar com o Uruguai. Nesse momento, Solano López, presidente do Paraguai, ataca o Brasil. No entanto, com as cartas de Pedro que cobravam uma resposta, Luísa preocupou-se com esse momento conflituoso, pois não tinha resposta do monarca, então, escreveu a seus amigos no Brasil para ter notícias do Imperador, como o fez com o Conde de Iguaçu, em que solicitava informações sobre as decisões de D. Pedro II.

As cartas do Imperador para Luísa chegavam regularmente, pois não queria ser esquecido por Luísa. Junto às cartas mandava presentes, como livros e flores secas, assim, as demonstrações de afeto em algum momento acabavam se tornando mais evidentes, como em um trecho de uma dessas cartas: “Querida Senhora. Esta doente e eu não posso mesmo fazer-lhe uma pequena visita. As saudades aumentam nestas ocasiões, e eu já as tenho muitas, creia-me. Como me arrependo de não ouvir os sapos de Petrópolis. Aqui, há alguns, mas que umidade e que distância de você e de minhas filhas, o tripé de minhas afeições as mais vivas...” (PRIORE, 2008), palavras de Pedro para Luísa. Muitas cartas eram enviadas por correio diplomático, talvez por isso as cartas chegassem sempre mais rápidas, demoravam de 7 a 9 dias para chegar. As cartas eram de alguma forma uma esperança para Pedro, pois essas cartas o deixavam vivo e com expectativa, já que o Brasil passava por uma grande guerra, e a população já o cobrava para o fim do conflito. Essas correspondências deixavam-no alegre, desse modo Luísa combinava de lhe mandar diários do seu dia a dia, suprimindo a necessidade de Pedro por alguns dias.

Junto a tudo isso, uma triste notícia vinha da Casa dos Barral na França a D. Pedro. II: O Conde Eugenio falecera em 1868, deixando Luísa viúva. Com isso, Pedro tentou trazer a Condessa e seu filho ao Brasil. Nas cartas, Pedro mostrou-se preocupado com o filho de Eugenio e Luísa, o Marquês Dominique de Barral-Montgerrat, portanto, disse à viúva que queria vê-lo como um grande engenheiro, e o convidou para estudar

na Escola D. Pedro II, já que era brasileiro de nascimento. Ademais, disse que iria cuidá-lo assim como um pai faz com um filho.

A Europa seria melhor para ele assim como tinha sido para ela. Portanto, como uma mãe muito protetora e pensando no melhor para seu único filho, ela mesmo se dispôs a cuidar e levar seu filho às aulas, nas quais todo homem de boa família nobre deveria frequentar. Após a morte de seu marido, Luísa também acabou se tornando administradora dos bens e das fazendas que seu marido lhe deixaram o Brasil. Tornou-se uma mulher rica e poderosa, no entanto, ao perceber que seus negócios no Brasil não estavam rendendo como gostaria, resolve voltar à Bahia. Nisso, prometeu a Pedro uma rápida visita ao Palácio Imperial. E foi literalmente rápida, pois no Palácio estavam os escravos, e Luísa detestava a existência de escravos no Brasil, não gostava de conviver com eles e sentia vergonha de dizer isso aos amigos franceses, pois na Europa não se usavam mais os serviços de negros como escravos, e achavam ainda muito atrasada um Império que ainda usavam o trabalho de negros como escravos. Com essa visita rápida, Pedro sentiu-se desprezado, por isso as cartas começaram a diminuir de tamanho. Percebendo isso, Luísa escreveu ao Imperador perguntando se ele havia a esquecido, e Pedro lhe respondera que não, justificando que os problemas do governo estavam lhe limitando o tempo para escrever cartas. Novamente, a Condessa conviveu com mais problemas na França. A população dobrou de tamanho, o número de suicídio entre os pobres aumentou muito, assim, os órfãos também, além de que a notícia da troca de cartas entre ela e D. Pedro II havia se espalhado na Europa, estampando jornais e revistas. No entanto, isso não afetou aos dois, pois a crise que passara a França com os Bonaparte ocultou essa difusão do adultério. Nesse cenário francês, Luísa viu, de novo, o Imperador perder o trono e ter que fugir para se salvar. Napoleão III foi feito prisioneiro e a Rainha Eugenia fugiu para a Inglaterra. Luísa e seu filho fugiram também à Inglaterra, mas três meses depois volta à França, comandada pelos prussianos, e escreve aos Imperadores do Brasil: “Sim. Sou eu mesma e eu escrevendo a Vossas Majestades de Paris, aonde vim logo que isso foi possível, porque sabem que hoje, infelizmente, sou mais pai do que mãe de meu filho e não posso negligenciar a menor ocasião de saber de nossos negócios.” (PRIORE, 2008). A Condessa estava preocupada com suas propriedades e negócios que havia deixado em Paris antes da fuga para a Inglaterra. Enquanto esteve na Inglaterra, visitou os Orleans, que haviam se exilado no Castelo de Claremont, e de lá viu uma possível volta dos Orleans ao trono.

Assim, Luísa auxiliou os Príncipes de Orleans para uma volta a Paris, os quais estavam fora da capital francesa a mais de 20. Luísa rodeava as famílias nobres da França nesse momento conturbado, pois estava interessada em que poderia ter de benefício. Aproveitando esse envolvimento, alugou uma casa Versalhes para receber a visita da Princesa Isabel do Brasil e de seu marido, o Conde d'Eu.

Após a revolução e proclamação da República, os Orleans conseguiram o direito de voltar à França. No entanto, mesmo após tudo o que ocorreu na França, os rumores entre o relacionamento extraconjugal entre Luísa e D. Pedro II aumentavam. Assim, cabe a seguinte pergunta: Haveria um sentimento mais forte entre os dois, ou as cartas expunham apenas uma amizade? Tal questionamento surge a partir da verificação do conteúdo das correspondências, pois não mencionam nenhuma inferência aos sentimentos de ambos de forma clara. O que se pode perceber é o respeito entre eles. Nesse momento, a morte da Princesa Leopoldina, Duquesa de Saxe, afeta a Condessa, já que esta ajudou a criar a filha de D. Pedro II. Então, o Imperador resolve ir à Europa para buscar os netos e se encontrar com a comitiva Imperial.

Nessa ida de Pedro à Europa, Luísa o encontrou em Bordeaux, e em seu diário escreveu: "E recebi dele um abraço que me deu diante de todo mundo, ele não se fartava de me olhar [...] Coitado, está de barbas brancas, está muito gordo, mas a expressão é tão alegre.". Quanto à Imperatriz, falou: "A Imperatriz está horivelmente mudada, coitada. Eu mal a conheci." O fato do casal Imperial querer passar uma imagem de simplicidade indignava Luísa, já que ela não estava de acordo com um Imperador que não queria chamar a atenção, por acreditar que isso fazia com que o Brasil fosse desmerecido. Na viagem à Europa, a Condessa foi contra a maneira como Pedro tratava Teresa Cristina, ainda mais pelo teor do deslocamento até o outro continente, que foi a morte da filha.

Por conta disso, Luísa deu atenção à Imperatriz, levando-a a Boutiques, joalherias e chapelarias, para assim "se vingar" do Imperador. A comitiva Imperial voltava ao Brasil, e com isso Luísa dividia-se novamente: abandonaria a vida na França, ou ficaria em Paris para ajudar os Orleans? Resolveu ficar em Paris para viver com seu filho como uma rica mulher viúva. Com os Orleans novamente em Paris, a sua agenda estava novamente tomada de compromissos, festas e jantares. Mas, agora, Dominique já estava adulto e, como diplomata, muda-se ao Brasil junto a sua mãe, voltando ao Rio de Janeiro. Assim que chegam à Corte, Luísa é convidada pela Princesa Isabel para ajudar-

lhe com os preparativos do parto de seu filho. Foi uma concepção difícil, assim, Luísa vê o nascimento do então esperado Príncipe Herdeiro, o Príncipe do Grão-Pará.

Figura 15: Condessa de Barral e o Príncipe do Grão Pará. Arquivo do Grão Pará, Petrópolis, Rio de Janeiro.



FONTE: <http://borgesdebarros.blogspot.com.br/2007/10/cartas-da-condessa-de-barral-para.html>
acesso em 05 de Março de 2017

Figura 16: Sentada a Princesa Isabel do Brasil com seus filhos os Príncipes D. Luís, D. Antônio e D. Pedro de Alcântara e Luísa, Condessa de Barral.



FONTE: <http://borgesdebarros.blogspot.com.br/2007/10/cartas-da-condessa-de-barral-para.html>
acesso em 05 de Março de 2017

Figura 17: Fotografia da Condessa de Barral e Pedra Branca tirada em Paris, no estabelecimento de Ferrier & Lecadre, 56 e 58, Rue de Larochefoucault, pouco tempo antes do seu embarque para o Brasil para assistir ao casamento de seu filho Horace-Dominique, Conde de Barral e Marques de Montferrat.



FONTE: Da coleção do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Acesso em 06 de Março de 2017

Na ultima viagem da comitiva Imperial à Europa a fim de encontrar tratamentos médicos para a Imperatriz, Luísa foi novamente chamada para ajudar o casal Imperial. Nessa viagem, foram a vários países da Europa, como Grécia, Áustria, Constantinopla e França. Juntos participaram de saraus, leituras e visitas a museus. Disso resultava um afeto de Teresa por Luísa, ainda que não soubesse o que pensava a Condessa sobre si.

A família Imperial estava muito agradecida à Condessa de Barral por todo carinho e atenção que prestava, pois não se poupava em viajar milhares de quilômetros para ajudar no que fosse preciso para os Imperadores do Brasil. Princesa Isabel não escondia o carinho que tinha por Luísa, e demonstrava isso em cartas, as quais escrevia sobre a falta da presença de Luísa no seu cotidiano, pois a Condessa esteve em todas as fases da vida de Isabel, na educação, na escolha do noivo, no casamento e no nascimento dos seus filhos. Quiçá por esse motivo o ciúme e as fofocas envolvendo o seu nome surgiram na corte brasileira e na Europa.

Na França, Dominique, filho de Luísa, trabalhava como embaixador da França na Santa Sé. No entanto, pediu demissão por não aceitar a decisão do novo governo francês de tornar o país laico, já que era católico fervoroso. Como Conde de Barral, decidiu mudar-se para o Brasil e pedir ajuda ao Imperador. Dominique estava em idade de se casar, então, Luísa recebeu uma carta da Princesa Isabel, em que a indica como nora Maria Francisca, filha do Visconde de Paranaguá, irmã da melhor amiga de Isabel, que pertencia a uma das nobres famílias da época. Desse modo, os dois se casam. Com

esse casamento, Luísa volta à França junto ao filho e nora para cuidar de suas propriedades, além de se distanciar dos comentários sobre o fato de estar envelhecendo - Pedro, ao escutar isso, falava: "Saiba que nunca envelhece uma mulher de espírito" - e do suposto romance com o Imperador, apesar de que esse murmurinho foi perdendo força com o tempo.

Apesar da distância, novamente, entre Pedro e Luísa, as cartas continuavam a ser enviadas de um ao outro. Essas cartas por anos foram o meio dos dois de se manterem por perto. Para Pedro, escrever à Luísa era sair do papel de Imperador, pai de família, e assumir sua posição como homem comum, em redigia sobre suas vontades e sentimentos. E foi por uma dessas cartas que Luísa foi avisada sobre o fim do Império brasileiro. Essa notícia lhe arrasara, pois havia visto e participado de duas quedas de dois Reis da França e, agora, vê a corte do Brasil acabar. Assim, cede o seu Castelo de Voyron à Família Imperial.

Figura 18: De pé o Príncipe D. Pedro de Alcântara, Príncipe do Grão-Pará, o Conde de Mota Maia, a Baronesa de Muritiba, Luísa, Condessa de Barral, e Sua Alteza Real o Conde D'Eu. Sentados, os Príncipes D. Antônio e D. Luís, Princesa Isabel e S.M.I D. Pedro II.



FONTE:http://istoe.com.br/290220_O+LADO+B+DA+PRINCESA+ISABEL/ acesso em 04 de Março de 2017

A chegada da família Imperial, que estava em exílio em Lisboa, acercou-se das cerimônias de coroação ao Rei D. Carlos I de Portugal, e com isso o governo português pediu a Pedro que sua presença, de um soberano deposto, não era bem vinda naquele momento. Sentindo-se humilhados, os Imperadores partiram para a cidade do Porto, enquanto a Princesa Isabel e seus filhos foram à Espanha. Com a notícia oficial que haviam sido banidos para sempre do Brasil, Teresa Cristina acaba se sentindo mais fraca e desmotivada pela forma como foi tratada no Brasil e com a “recepção” em Portugal, então, no dia 28 de Dezembro de 1888, a Imperatriz do Brasil morre.

Mesmo com a morte de Teresa Cristina, Luísa não parou de trocar cartas com Pedro, e agora, com seu “amado” mais próximo, Luísa desacelerou sua vida social, para viver mais próxima de sua família e de seus amigos. Luísa faleceu em janeiro de 1891, ao lado de seu filho amado, da nora e dos netos. Até o fim de sua vida, Luísa esteve disposta a cuidar da Princesa Francisca de Orleans e da Família Imperial brasileira.

3. CONCLUSÃO

Durante as leituras feitas para este trabalho, pude notar o quanto Teresa Cristina esforçou-se e se doou não só para um país, como também a um homem, que veio a conhecer meses após o casamento oficial. Sentiu de perto a rejeição por conta de seus dotes físicos; sentiu a dor de perder três filhos, dois sendo homens, que para o Império era muito importante. Ouviu e leu sobre as aventuras amorosas de seu marido. Será que tinha medo de ser uma nova Leopoldina? Talvez por isso tivesse sido uma mulher de personalidade forte e mandona? Será que a cobrança não começava por ela mesma? Então, por que a chamaram de “silenciada”? Talvez por sofrer em silêncio, ver a possível amante de seu marido ser considerada mais bonita, elegante e refinada do que ela?

Teresa Cristina era uma mulher inteligente, que tinha uma boa educação, adorava a leitura e arqueologia, trouxe nas suas malas peças arqueológicas, que ainda estão em museus do Brasil, um presente à cultura brasileira. Foi chamada de mãe dos brasileiros por saber o quanto era importante cuidar de seu povo, e ela fez isso. E, com sua presença notável em muitos aspectos da vida no segundo Império, ainda nenhuma obra séria acerca dessa personalidade foi publicada. Seria pelo fato de que ela era uma mulher muito reservada? Talvez, mas ela ainda pode despertar interesse por parte de pesquisadores, lembrando que muitos ainda não a conhecem.

Um poeta e jornalista brasileiro, muito conhecido no final do século 19, Artur de Azevedo escreveu sobre a sua visão sobre Teresa Cristina:

Eu nunca conversei com ela, porém sempre que passei ao seu lado respeitosamente tirei meu chapéu e me curvei, não para a Imperatriz, mas sim para a doce e honesta figura de uma burguesa pobre e quase humilde. Vi vários republicanos extremistas fazendo o mesmo [...] A ela chamaram de Mãe dos Brasileiros, e nós todos realmente atribuímos a ela uma espécie de veneração filial. Essa é a verdade.

Quando a República foi declarada em 1889, o novo governo se gabava em dizer, que a luta que tiveram foi limpa, sem derramamento de sangue, mais esqueceram de falar que Teresa Cristina, a mulher que se apaixonou pelo Brasil e foi expulsa sem poder se despedir do povo que tanto amou, morreu 40 dias após chegar no exílio para onde foi imposta. Morreu sabendo que nunca mais veria o país que tanto dedicou, e ajudou a

formar, através das artes e da cultura.

Não posso negar que durante as primeiras leituras para escrever esta monografia, o tema principal seria a figura da Imperatriz Teresa Cristina, mais após reler o que já havia escrito percebi que a figura da Luisa Margarida, Condessa de Barral acaba andando junto com a história da Imperatriz no Brasil, e acabou ganhando um grande capítulo nesse trabalho. É inevitável falar sobre Teresa Cristina e não falar de Luisa Margarida, tanto que não se pode negar que a Condessa de Barral ganhou um livro somente sobre sua história pela autora Mary Del Priore, onde também se fala da Imperatriz.

4. REFERÊNCIAS

- CARVALHO, José Murilo. *D. Pedro II*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- DEL PRIORE, Mary. *Condessa de Barral. A Paixão do Imperador*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.
- ZERBINI, Eugenia. A Imperatriz Invisível. *Revista de História da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 2007
- AVELLA, AnielloAngelo. A Itália e o Quinto Centenário do Descobrimento do Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*, Rio de Janeiro, n. 420, 2003, p.225-231.
- SCHWARZ, Lilia Moritz. *As Barbas do Imperador. D. Pedro II, um Monarca nos Trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- AVELLA, AnielloAngelo. Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada. In: Anais do XX Encontro Regional de História: História e Liberdade. ANPUH/SP – UNESP-Franca. São Paulo, set. 2010.
- CALMON, Pedro. *História de D. Pedro II*. Rio de Janeiro: J. Olympio Editora, 1975.
- ZERBINI, Eugenia. (junho de 2007). "A imperatriz invisível". *Revista de História da Biblioteca Nacional* 2 (17). Rio de Janeiro: SABIN. ISSN 1808-4001.
- Wanderlev Pinho. 1970. *Salões e Damas do Segundo Reinado*, São Paulo: Martins, cap. XI. "A Condessa de Barral". p. 195-228
- Félix. Rodrigo da Silva. *Dona Teresa Cristina e os rastros de memória: Entre a invenção da Mulher-Monumento e a escrita de si*. 2014.
- TJADER, Rogerio da Silva. Sua Majestade Imperial D. Thereza Christina Maria de Bourbon e Bragança - A Mães dos Brasileiros. Vassouras: PC DUBOC. 2ª ed. 2015.
- Revista de História. Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/retrato/a-imperatriz-invisivel>>. 2009. Acesso em 2017.
- D. Teresa Cristina, uma Imperatriz silenciosa? Disponível em: <<https://rainhastragicas.com/2013/07/22/d-teresa-cristina-uma-imperatriz-silenciosa/>>. 2013. Acesso em 2017.
- A Condessa de Barral e Irmãos. Disponível em: <<http://borgesdebarros.blogspot.com.br/2007/09/condessa-de-barral.html>>. 2007. Acesso em 2017.
- MARQUES, 1890.01.16. Filha de Maria Isabel de Bourbon e Francisco I, D. Teresa Cristina de Bourbon das Duas Sicílias foi esposa de D. Pedro II e mãe das princesas Leopoldina e Isabel. Faleceu na cidade do Porto, Portugal, no dia 28 de dezembro de 1889. Cf. AVELLA, Aniello Angelo Teresa Cristina Maria de Bourbon, uma imperatriz silenciada. In: ENCONTRO REGIONAL DE HISTÓRIA: HISTÓRIA E LIBERDADE – ANPUH/SP, 20., 2010, UNESP-Franca. Anais... Franca: ANPUH/SP – UNESP-Franca, 2010. Não paginado. Disponível em: <<http://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XX%20Encontro/PDF/Autores%20e%20Artigos/Aniello%20Angelo%20Avella.pdf>>.
- Teresa Cristina de Bourbon Duas Sicílias. In: Wikipédia: a enciclopédia livre. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Conteúdo_aberto&oldid=15696001> Acesso em 2017.